

## TRECHOS DE LIVROS

### **O QUE É SER DIRETOR DE CINEMA** **Memórias Profissionais de Cacá Diegues** **Depoimento a Maria Silvia Camargo** Pág. 32

“... entusiasmos tanto que decidi mudar meu projeto de estréia no longa-metragem. Adaptei só a primeira parte do livro, da escravidão na plantação de cana-de-açúcar até a chegada do Zumbi ao quilombo. Era um modo de eu conseguir filmar aquela história, pois tinha a locação de uma velha casa-grande colonial em Campos, os canaviais na periferia daquela cidade e o resto do filme todo se passando no meio do mato, sem que eu pudesse reproduzir a época, a não ser nos figurinos de escravos, o que seria muito fácil e barato. Esta sempre foi uma virtude do Cinema Novo à qual, ao longo dos anos, procurei me manter fiel: fazer o filme possível, sem idealizações, integrado à economia e às condições brasileiras.

O principal financiador do filme foi o **José Luiz de Magalhães Lins**<sup>[40]</sup>, que era diretor do Banco Nacional de Minas Gerais...”

---

[40] **José Luiz de Magalhães Lins** e o **Banco Nacional de Minas Gerais** – Figura lendária da sociedade carioca e da vida nacional, **José Luiz** foi um banqueiro, uma das eminências pardas da política brasileira. A partir do governo João Goulart sugeria nomes de ministros, indicava presidentes para empresas estatais e palpitava nos rumos da política econômica. Amigo de todos os poderosos donos da mídia, segundo o jornalista Mário Sérgio Conti, ele falava diariamente com Roberto Marinho (dono de *O Globo*) e Nascimento Brito (*Jornal do Brasil*). Salvou a Rede Globo, o *Jornal do Brasil* e outras empresas da falência, arrumou compradores e vendedores para algumas delas, como o jornal *O Dia*. Em suas mãos o Banco Nacional transformou-se no segundo maior banco brasileiro. Sempre conectado com a cultura, segundo o escritor e jornalista Ruy Castro, “sem ele e seus empréstimos a perder de vista o Cinema Novo não existiria”. **Zé Luiz** emprestou dinheiro para o primeiro roteiro de Luiz Carlos Barreto: *O assalto ao trem pagador*, do diretor Roberto Farias. “Coincidiu que ele já tinha emprestado dinheiro para a produção de *Vidas Secas*, do Nelson, e estava fazendo o mesmo com *Deus e o Diabo na terra do sol*, do Glauber, e *Os fuzis*, do Ruy. Tínhamos que ter um avalista e só. Ele nos emprestava e a gente pagava depois com a renda dos filmes. O sistema dava certo: o **José Luiz** nunca sofreu inadimplência”, explica Cacá. O ex-banqueiro também ajudou a criar a editora Nova Fronteira, a Petite Galerie (que fez exposições lendárias na Praça General Osório), o Teatro Santa Rosa e o selo Forma (que reuniu grandes nomes da Bossa Nova), entre outros empreendimentos. Nascido em Minas Gerais em 1929, **José Luiz** começou a vida como datilógrafo e ingressou no Banco Nacional por intermédio de seu tio rico, Magalhães Pinto. Nos anos 70 foi afastado do banco pelos herdeiros de Magalhães. Foi também diretor-presidente do Banerj e conselheiro do Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, mas sua principal função continua, como disse o advogado Jorge Serpa, a de ser “o ausente mais presente no Brasil”.

